

MOSCOVICH, LISPECTOR E WOOLF: VOZES FEMININAS EM CONTATO¹

Ana Carolina Farias dos Santos (UEA)
Elaine Pereira Andreatta (UEA)

*“Cada pessoa é uma harmonia de solidão.
Uma música interior inaudível.
O amor, porque admite a solidão, pode viver, e vive,
numa harmônica irrealidade.”*
(Arquitetura do Arco-Íris, Cíntia Moscovich, p. 51)

RESUMO: Por muitos anos, percebemos as lutas das mulheres para se firmarem como protagonistas na sociedade em diferentes áreas de atuação. A crítica feminista nos proporcionou, dentro da academia, apresentar uma visão da mulher dentro dos estudos literários. O presente artigo tem como objetivo analisar as vozes femininas de três escritoras e a representação das personagens femininas em suas produções à luz dos conceitos de gênero e da teoria feminista. Para tanto, além de discutirmos os conceitos de gênero e identidade feminina, selecionamos três contos: “Cartografia”, de Cíntia Moscovich, “Preciosidade”, de Clarice Lispector e “A apresentação”, de Virginia Woolf, para realizar a análise da autoria feminina e da representação da mulher. Ao final dessa pesquisa, concluímos que as autoras traduzem no mundo literário suas angústias femininas e acontecimentos que estão inseridos na realidade da mulher, carregada por contextos histórico-sociais diferentes que acompanham as transições de pensamento e comportamento social.

Palavras-chave: autoria feminina; gênero; identidade feminina.

INTRODUÇÃO

É notável que os estudos relacionados à figura feminina e ao papel da mulher dentro dos grupos sociais têm tomado força desde meados do século XX, e isso não é diferente quando relacionamos a representação da mulher ao universo literário. É importante falarmos do papel feminino dentro da literatura, tanto atuando como escritoras, quanto em suas representações na narrativa, pois, por muitos anos, as mulheres não podiam ter acesso à leitura e, muito menos, à escrita. Após séculos de batalha e luta contra as regras impostas pela sociedade patriarcal em diversos países, as mulheres começaram a demarcar seu lugar na literatura e nas artes, indo além de personagens típicas e “musas” inspiradoras.

Encontramo-nos em um momento em que se tornam cada vez mais pertinentes os debates concernentes à representação feminina. Dentro da literatura não é diferente, uma vez que podemos usá-la como ferramenta de observação e, muitas vezes, análise dos contextos culturais das sociedades. Os estudos literários, em alguns casos, servem de base à sociedade,

¹ A banca examinadora do presente trabalho é composta pelos professores: Prof. Dr. Allison da Silva Leão (UEA) e Profa. Dra. Juciane Cavalheiro (UEA), em 05 de dezembro às 15h.

como foi no caso da sociedade romana. Apesar de a literatura não ser responsável por firmar um compromisso de representar a realidade social, há muitos autores que permeiam diversas discussões sociais e as apresentam dentro da sua literatura.

O presente artigo se justifica, acreditamos, por propor uma contribuição para os estudos acerca da representação da figura feminina na literatura. Além disso, nossa pesquisa nos possibilita a revisitação de obras, a partir de três contos, de três escritoras consagradas das literaturas de línguas portuguesa e inglesa, respectivamente, Cíntia Moscovich, Clarice Lispector e Virginia Woolf, com vistas a atribuir novas perspectivas à interpretação desses textos. Nosso objetivo primário baseia-se na compreensão da voz feminina dentro do universo literário, partindo da sua importância dentro da construção narrativa e na forma de representação da imagem da mulher.

Com base nisso, nosso estudo se constrói a partir da seleção de três narrativas nas quais percebemos uma convergência entre os enredos, o que torna possível a realização de leituras que estabeleçam conexões entre o que é narrado, configurando assim o norte de nossa pesquisa. Os três textos fazem parte da produção de três nomes da literatura de autoria feminina, o conto “Cartografia”, “Preciosidade”, e, por último, o conto “A apresentação”. Juntas, as três autoras representam figuras femininas de diferentes contextos sócio históricos e de literatura singular em seus tempos que contribuíram de forma voluntária ou involuntária, para os debates acerca do lugar das mulheres dentro da sociedade.

É considerável salientarmos a importância de cada autora e de como elas se interligam, pois cada uma, ao seu modo, traz em sua literatura traços da identidade feminina que vieram se construindo ao longo dos anos, alguns desses advindos do movimento feminista. Outro ponto que este artigo se baseia é na compreensão da mulher como autora e personagem a partir da construção de sua identidade. Ao selecionarmos textos de Moscovich, Lispector e Woolf, colocando-os em paralelo, procuramos situá-las frente às questões femininas, bem como contribuir para os estudos relacionados à identidade da mulher na elaboração das personagens femininas, constituída por uma autoria feminina.

1. GÊNERO E IDENTIDADE FEMININA: A BUSCA DA EMANCIPAÇÃO NA HISTÓRIA E NA LITERATURA

Para entendermos como se constrói a identidade feminina e como a mulher se apresenta na literatura como autora, iremos traçar paralelos acerca dessa formação da identidade e do papel feminino na sociedade baseados nos estudos sobre o feminismo e a teoria feminista.

Quando se discute sobre a questão feminina e sua identidade como mulher, pensamos primeiramente na discussão acerca de “gênero”, pois automaticamente interligamos esse termo à distinção entre o que se entende por “masculino” e “feminino”. Segundo a historiadora Joan Scott (1995), o termo “gênero” foi utilizado de modo figurado para evocar os traços de caráter ou os traços sexuais, o que se reforçou ao dicionarizar essa palavra. No entanto, para o movimento feminista, o “gênero” começou a significar algo além do que a sua colocação usual, e passou a ser usado no seu sentido literal a referir-se à organização social entre os sexos, assumindo o lugar de construção social.

É importante explicarmos que a definição de “gênero” não é um conceito fechado, mas deve ser pensado de forma cíclica, uma vez que as mudanças na sociedade podem refazer o conceito, redefini-lo de modo a abarcar as manifestações sociais que traduzem transformações. Judith Butler (1990) salienta que gênero pode ser considerado como algo que lhe é permitido alterações, assim sendo uma:

complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exigida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permite múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definidor. (BUTLER, 1990, p. 37).

Nos estudos do movimento feminista, o termo “gênero” surgiu como um substituto na discussão sobre a história da mulher na perspectiva acadêmica, datada no início da década de 1980, pois “inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir forte ameaça. Esse uso do termo “gênero” constitui um dos aspectos daquilo que se pode chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas” (SCOTT, 1995, p.75). Mas, para os/as historiadores/as, essa substituição é apenas um aspecto do seu uso, visto que também é utilizado para designar a relação entre os sexos, tornando-se uma forma de indicar as construções culturais entre os sexos.

O termo “gênero” adentrou os debates feministas para englobar os estudos tanto da identidade do ser, como da sua sexualidade e os impactos que sua existência causam dentro de uma determinada sociedade. O “gênero” tornou-se, então, o termo utilizado para um panorama analítico de categoria de estudo, colocando-o como um aspecto para o entendimento da identidade subjetiva do ser.

Ao apresentarmos algumas significações do termo “gênero” e relacionarmos à questão feminina, é necessário estabelecermos um panorama em relação ao movimento feminista, por isso iremos transcorrer uma breve contextualização acerca do que foi o movimento e suas

principais conquistas para os direitos sociais e políticos da mulher, assim assegurando-lhe o poder de construir sua identidade.

O movimento feminista surge com bases nas correntes iluministas do século XVII, a Revolução Francesa no século XVIII e os avanços americanos entre 1770 e 1780, movimentos que reivindicaram direitos sociais e políticos para a população. As lutas feministas colocam em foco o injusto sistema de divisão entre os sexos feminino e masculino e a desigualdade instalada por séculos dentro das sociedades. Assim, o movimento pode se justificar como heterogêneo e que contribui para uma nova forma de pensar na sociedade, que inclui os direitos e papéis femininos, assim como a igualdade entre os sexos.

De acordo com o Marlise Matos (2010), é recorrente dentro dos estudos acerca do movimento dividi-lo em “ondas” para especificar cada reivindicação de cada época. A primeira “onda” do feminismo refere-se ao período da Revolução Francesa até o início do século XX, com ênfase na luta de direitos civis e políticos para as mulheres, como o direito ao voto e à educação. É nesta fase que encontramos a luta dos *suffragettes* (sufragistas)² e os primeiros indícios do movimento feminista com a publicação do livro *A Vindication of the Rights of Woman*” (Reivindicações dos direitos da mulher), de Mary Wollstonecraft, escritora britânica e pioneira da modernidade feminista, que traz questionamentos inéditos à época sobre a condição feminina em relação à supremacia masculina, enfatizando maior atenção a reivindicação ao direito à educação para a mulher.

A segunda “onda” tem seu início na década de 50 do século XX e se estende até a década de 80. O período constitui-se de uma série de lutas e debates acerca da sexualidade, gênero e reprodução feminina. Após as vitórias da primeira “onda”, a segunda apresentou discussões sobre a legalização do aborto, a criação da pílula anticoncepcional, violência sexual/física/psicológica e a inferiorização da mulher na sociedade. É nesta fase que temos as transformações nas esferas acadêmica e psicológica, pois, ao trazer a noção de “gênero” como uma categoria de análise, o movimento inaugura a crítica feminista dentro de novos horizontes, como, por exemplo, os estudos literários, que antes eram abordados apenas pela visão masculina e patriarcal.

A terceira “onda” abrange as lutas do final do século XX e dos dias atuais nas quais destacam-se o reconhecimento da diversidade e pluralidade de gêneros, etnias e pensamentos que estavam dentro do movimento feminista, como a teoria *queer*, que apresenta o nome de

² O movimento pelo sufrágio feminino é um movimento social, político e econômico de reforma, com o objetivo de estender o sufrágio (direito de votar) às mulheres. A luta pelo voto feminino foi sempre o primeiro passo a ser alcançado no horizonte das feministas da era pós-Revolução Industrial. As *suffragettes* (em português, sufragistas) foram as primeiras ativistas do feminismo no século XIX.

Judith Butler como uma das visionárias desta terceira fase; as demandas da categoria LGBTQ+ e os questionamentos da figura feminina dentro dos estudos acadêmicos. Neste último e ainda presente estágio, enfatizamos a crítica feminista, apresentada na segunda “onda” e reforçada nesta terceira, que nos mostra uma nova visão e interpretação acerca do mundo social, pleiteando um espaço para essa nova voz de resistência, em especial na literatura, para a mulher. Segundo Butler (1990, p. 19), “a crítica feminista também deve compreender como a categoria das ‘mulheres’, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se emancipação.”

Ao causar reflexões e possibilitar uma análise em relação à forma como a mulher é retratada dentro da literatura, a crítica feminista abre portas para relativas mudanças no contexto acadêmico assentindo que existem diferenças entre os leitores e/ou escritores femininos e masculinos; fazendo, assim, uma ponte entre os questionamentos sociais e a produção literária. A construção feminina na área literária era baseada inicialmente na formação da personagem, muitas vezes por estereótipos, e também, pela escassez de autoras na esfera literária. Após anos de pesquisa, a crítica feminista expôs a irrerealidade da representação feminina no âmbito literário, mostrando que as mulheres retratadas não condiziam com as vivências femininas reais e nem a opressão que as cercava.

No Brasil, a condição da mulher na literatura – seja como objeto de representação, como autora ou como narradora – começou a ter destaque como foco de estudo na década de 1970, uma época em que o tema do feminino se impôs em todas as áreas de conhecimento, assim como o clímax da segunda “onda” do feminismo mundial. Nomes como Rachel de Queiroz, como também Clarice Lispector destacaram-se no meio literário por apresentar a voz feminina tanto como autora quanto personagem, em épocas em que a mulher não possuía liberdade para se posicionar no mundo literário e no social. Segundo Rosana Cássia Kamita, coordenadora do Grupo de Trabalho A Mulher na Literatura – ANPOLL³,

compreender a literatura de autoria feminina é, portanto, não se limitar à visão da tradição literária, mas contextualizá-la observando as relações mantidas com outros textos e as estruturas sociais e culturais que compõem o panorama da época. Somente não observando os padrões estabelecidos foi possível conhecer melhor os textos escritos por mulheres.

Ao apresentarmos um panorama das identidades femininas, trazemos uma das noções para uma formação da identidade do sujeito moderno, na qual procuramos seguir as teorias do ser do sociólogo de Michel Foucault (1988), presente no livro *A história da Sexualidade I e*

³ Retirado do texto *A mulher brasileira na literatura*, de Rosana Cássia Kamita, disponível em <http://adoropapel.com.br/2015/03/mulher-na-literatura-brasileira/>.

de Deny Cuche, em *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Segundo Foucault (1998), a construção dessa identidade de um sujeito é dada através das relações de poder que atuam na sociedade, principalmente nas mudanças sociais. Em seu ensaio, o autor debate sobre a relação entre sujeito e o poder, enfatizando que existem dois sentidos para o sujeito: o sujeito submetido ao outro, através do controle e da dependência, e o sujeito preso à sua própria identidade, através da consciência ou do conhecimento de si. (FOULCAUT *apud* FISCHER, 1999, p. 43). Assim, o ser moderno nasceu do rompimento ocorrido no Século XVIII, quando a sociedade passou a se “preocupar” com a “população” e com o “corpo”, e dependente do que ocorria na sociedade em que estava encaixado.

Para Cuche (1999), o indivíduo se forma com base nas suas relações sociais, que derivam de um diálogo com a sociedade, pois

a identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculado a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente. (p.177).

Portanto, podemos estabelecer que a identidade do sujeito, assim como a da mulher como parte da sociedade, sofre e se forma com base nos debates, crenças, espaços, grupos existentes nos meios sociais. Assim, no feminismo, a luta se caracteriza de uma forma geral, em estabelecer uma construção da identidade feminina de acordo com a sua realidade e não com o que é ditado pelas ideologias dominantes dentro do mundo social.

Dessa forma, pensar a teoria feminista, aliada às questões históricas que envolvem o movimento e o conceito de gênero e identidade é importante para refletirmos acerca das obras de mulheres e a representação que essas traduzem em suas falas e nas suas personagens. No entanto, antes disso, é necessário contextualizar o momento histórico e social vivenciados pelas autoras com as quais trabalhamos. É isso que nos propomos a fazer na próxima seção.

2. WOOLF, LISPECTOR E MOSCOVICH: CONTEXTOS HISTÓRICO-SOCIAIS DA SUA PRODUÇÃO

Como a influência social e histórica estão ligadas à literatura, não poderíamos analisar nosso *corpus* sem apresentar os fatores que interferiram no modo de escrita das autoras pesquisadas. Ao afirmarmos que existe essa interferência dentro da literatura de Moscovich, Lispector e Woolf, percebemos o quanto tais aspectos sociais e os acontecimentos históricos alteraram a construção narrativa e o papel de importância dos seus personagens. Lembramos

que a contextualização apresentada neste tópico engloba uma breve apresentação do período de início da escrita das autoras até a época em que cada conto que selecionamos para análise foi publicado.

Começaremos por ordem cronológica apresentando primeiro o contexto sócio-histórico que estava inserida a autora Virginia Woolf. Situamo-nos no Reino Unido, o país que impulsionou a Revolução Industrial no século XIX e que saiu vitorioso da Primeira Guerra Mundial. Por causa desses acontecimentos, muitos direitos e conceitos estavam em transição na sociedade europeia. As mulheres começaram a avançar nas questões trabalhistas, após terem obtido o direito de trabalhar fora de suas residências. Virginia Woolf lutou a favor dos direitos das mulheres no Reino Unido, sempre se destacando nas questões políticas em favor da igualdade de direitos, e um dos resultados apareceu somente em 1962, com a concessão ao voto nas eleições britânicas. No entanto, o movimento pela participação política feminina caminhava desde 1903, as *suffragettes*, já mencionadas na seção anterior, fundaram o grupo *Women's Social and Political Union*, que se organizou em quatro tipos principais de militância e exerceu influência sobre outros movimentos de mulheres em quase todo o mundo Ocidental. Mas como a mulher era vista dentro da sociedade do início do século XX? O padrão feminino de comportamento advém ainda do que foi construído nos séculos XVIII e XIX, com a mulher centrada no “bom” casamento e nos arranjos políticos para as famílias, assim como a ascensão social em títulos, pois a monarquia dominava a questão social. As mulheres não possuíam direitos civis e não trabalhavam fora do ambiente doméstico, não muito diferente do padrão feminino regido na Europa da transição de séculos. Entretanto, com a Primeira Guerra Mundial e a necessidade de mão de obra, elas começaram a sair de suas casas em direção às fábricas para auxiliar na linha de produção, bem como ocorreu na Revolução Industrial. (BEAUVOIR, 1970, pp. 174-179).

Já Clarice Lispector, segunda autora analisada, insere-se em outro espaço e em outro contexto histórico-social permeado por outras conquistas e posturas. Nos anos iniciais do século XX, ocorreram diversos acontecimentos que influenciaram totalmente as correntes ideológicas das sociedades modernas, incluindo o Brasil. Após as duas Guerras Mundiais, o mundo tomava direções relativamente novas em relação aos pensamentos e à cultura. Como já dito na seção anterior, o *american lifestyle* tornava-se mais forte e mais enraizado na cultura das sociedades tanto do Ocidente quanto do Oriente, pois os Estados Unidos da América tornaram-se um modelo de prosperidade e confiança.

Logo após a Segunda Guerra, o Brasil encontrou-se num cenário de um mundo bipolar, em que duas potências vitoriosas disputavam o controle da economia mundial. Na

década de 1950, o país ficou dez anos sendo comandado pelo audacioso Juscelino Kubistchek. Ocorreram diversas mudanças sociais ao redor do mundo e que foram refletidas no Brasil, como a impulsão do movimento feminista e o início dos avanços tecnológicos. A imagem da mulher modificava-se, o padrão feminino das épocas anteriores estava sendo deixado no passado e, cada vez mais, a mulher estava se tornando independente. É nesta época que podemos inserir a segunda onda dos movimentos feministas ao redor do mundo, incorporado de lutas e discussões acerca da sexualidade, assim como o marco da época: a criação da pílula anticoncepcional, que torna a mulher dona da sua fertilidade. Tais avanços em relação à figura da mulher situaram-se, primeiramente, na Europa e nos Estados Unidos, com grandes nomes como Simone de Beauvoir na França, Betty Friedan, Alice Walker e Gloria Steinem, nos Estados Unidos. No Brasil, o feminismo chegou tardiamente, por meio do discurso crítico de caráter militante e efetivou-se como movimento crítico durante as ondas do movimento anarquista e pelo Partido Comunista Brasileiro.

Por fim, apresentamos o século XXI e a sociedade em que a terceira autora, Cíntia Moscovich, está inserida. Entre o fim dos séculos XX e o início do século XXI, podemos dizer que ocorreram muitas manifestações, tanto políticas, sociais e culturais nas sociedades contemporâneas. A quebra com o que se denomina “tradicional” estava tomando lugar nas ideias socioculturais e novas formas de ver o mundo adentravam as correntes de pensamento. Desde a década de 1970, o mundo começou a discutir os temas que antes eram considerados “tabus”, com mais frequência, assim, podendo gerar um desconforto e possibilitar desconstruções diante de práticas enraizadas nas sociedades. Surgiu a tecnologia, o acesso à informação de forma mais prática e objetiva. Dessa forma, tudo estava ao alcance de um toque. Podemos qualificar esse avanço como algo significativamente bom para o pensamento contemporâneo, pois impulsionou o posicionamento crítico em relação a diversos assuntos como: gênero, papel feminino, política, direitos e deveres, dentre outros.

É nesta transição que colhemos alguns frutos dos acontecimentos ocorridos nos séculos anteriores e situamos a terceira onda do movimento feminista. Como todo movimento que se inicia, essa nova forma de pensamento do século XXI tem seus opositores e obstáculos ao longo de sua jornada. Podemos classificar como uma era de pensamento aberto, mas não muito distante de preconceitos estabelecidos durante anos na formação da sociedade. Contudo, percebe-se uma consolidação de uma visão da mulher mais liberta, com pensamento próprio e multifacetada, que ainda luta para igualizar seu lugar no meio em que vive.

Por meio dessa contextualização dos momentos históricos e meios sociais das autoras analisadas, podemos entender as influências externas e sociais, assim como o padrão feminino

de cada época. É notável a ocorrência de uma evolução da figura da mulher e do impacto dos diversos acontecimentos históricos nas sociedades ocorridos neste espaço de tempo. Deste modo, trataremos agora de apresentar o perfil das autoras e suas influências literárias, assim como uma síntese dos contos selecionados e algumas considerações em relação ao *corpus*.

3. TRÊS ESCRITORAS, TRÊS PRODUÇÕES, TRÊS PERSONAGENS

Como base central do nosso trabalho, partimos do modo de escrita da autora gaúcha Cíntia Moscovich, que tem sido um nome recorrente quando o assunto é literatura contemporânea. Centramo-nos na literatura de Moscovich, pois como autora contemporânea podemos perceber que a liberdade como aborda os temas da mulher e de gênero veio sendo construída através dos anos, visto que com os debates e os questionamentos do movimento feminista e a reflexão do papel da mulher dentro da literatura, concedeu-nos, na contemporaneidade, a liberdade de uma mulher poder escrever sobre si e sobre suas reflexões existenciais. Sua produção já foi aclamada com prêmios renomados da cena literária, dentre eles o primeiro lugar no Concurso de Contos Guimarães Rosa, realizado pelo Departamento de Línguas Ibéricas da *Radio France Internationale*, que possui sede em Paris. Do ponto de vista acadêmico, é notável que o reconhecimento nacional da importância de Moscovich para a Literatura Brasileira vem, aos poucos, traduzindo-se em estudos de sua obra no âmbito da pós-graduação. Reflexões a respeito do caráter memorialístico e das influências presentes na produção de Cíntia Moscovich aos poucos vêm construindo o reconhecimento de suas produções.

A obra de Moscovich apresenta alguns traços homogêneos. Elaine Andreatta (2016, p. 19) observa que “sua obra carrega a vivência de seu território, demarcado geograficamente, e também sua identidade com falas e hábitos decorrentes da cultura judia”. Dentre os traços, observamos a importância que a memória adquire sobre os textos da escritora, que se liga a uma nova discussão entre os costumes judaicos e os acontecimentos da sua vida. Para além disso, a autora revela-se ainda extremamente filosófica, se levarmos em conta as temáticas concernentes à condição humana no que se refere a sua existência no mundo e as dificuldades sobre isso imputadas. Quanto às influências de Moscovich, muito se discute a respeito das referências à obra de Clarice Lispector presentes em suas produções.

Trataremos agora de Lispector e de como nossa pesquisa se valerá de seus textos para identificar os pontos de convergência e os de divergências entre sua obra e a de Cíntia Moscovich. Clarice Lispector é uma das escritoras brasileiras que possui uma produção

literária de caráter singular, sua obra é composta por um conjunto formado por romances, contos, crônicas e até mesmo textos direcionados ao público infantil. Segundo Ponzenato (2010), Lispector se caracteriza com uma literatura à frente da questão feminina e que trata a questão de identidade de seus personagens dentro do plano existencial, fora do social e psicológico.

Por fim, erguemos mais um pilar de sustentação. Falaremos também da escritora Virginia Woolf e de como sua obra pode estar relacionada à produção das autoras supracitadas. Woolf consagrou-se como um dos nomes mais importantes do pensamento cultural inglês na primeira metade do século XX (CALVANTI; FRANCISCO, 2016). Sua obra frequentemente é usada como ferramenta para entender as formas de expressão do sofrimento interior, dada sua condição com o transtorno bipolar e também com a depressão. Sua preocupação com a mulher se revela facilmente em suas obras. Consagrou-se feminista através de sua luta pela autonomia feminina no cenário financeiro, além de ser uma defensora do direito da mulher ao voto. Seu nome pode ser atribuído a várias faces, tendo em vista os papéis que chegou a desempenhar em sua carreira. Atuou como crítica literária, contista, ativista política e seus ideais liberais refletiram de forma evidente frente as suas atividades. Trazemo-la aqui como um terceiro ponto de nossa pesquisa, para agir como facilitador de nossa problematização da representação feminina no fazer literário, seja ele realizado enquanto autora, narradora e ou personagem.

Como *corpus* deste trabalho, buscamos contos que possuíssem uma relação de temática em comum ou uma personagem feminina que possuísse um acontecimento que a mudasse. Após as leituras dos livros *Arquitetura do arco-íris* (2004), *Laços de família* (1960) e *Contos Completos*, de Virginia Woolf (1922), elegemos três contos que se entrelaçam na questão da descoberta da mulher em diversos aspectos, são eles: “Cartografia” de Cíntia Moscovich, “Preciosidade”, de Lispector e, por último, “A apresentação”, de Virginia Woolf.

Apresentamos, também, três personagens principais dos contos selecionados, que se encontram em três séculos e sociedades diferentes, assim como nossas autoras. Elas representam mulheres fortes e que tem questionamentos relacionados ao seu ser. Em ordem cronológica, primeiro temos a jovem Lily Everit, uma moça da alta sociedade britânica do final do século XIX. Uma sociedade patriarcal e política, na qual a mulher era criada e educada para firmar alianças financeiras/políticas por meio do matrimônio, e também ascender socialmente. Em segundo, temos a personagem não nomeada do conto de Clarice Lispector, uma adolescente de 15 anos vivendo na década de 50 em uma cidade brasileira. Em um mundo pós Segunda Guerra Mundial deu-se destaque à discussão das questões

existenciais na sociedade, assim como os debates acerca da nova identidade feminina que se formava após mudanças sociais. E, por último a narradora-personagem do conto de Cíntia Moscovich, uma jovem em torno dos seus 20 e poucos anos. O conto se passa nos anos 2000, em uma cidade brasileira e nos apresenta uma mulher formada no ensino superior, possuidora dos seus direitos, ligada à família e adentrando na pós-graduação *stricto sensu*, ou seja, um reflexo da representação da mulher contemporânea que se divide entre diversos campos sociais.

O primeiro conto a ser analisado intitula-se “Cartografia”, presente no livro de contos *Arquitetura do arco-íris* (2004), da escritora Cíntia Moscovich. Trata-se da história de uma personagem feminina, narração em primeira pessoa, que conta ao leitor sua história após a morte do seu pai e a relação complicada com a mãe. A narradora-personagem decide se mudar para fugir do ambiente tóxico que havia se transformado sua casa após a morte de seu pai, “[...] No rosto de minha mãe, uma cartografia de desgraças.” (p. 39), e também recomeçar sua vida, a partir de uma oportunidade que surgiu em meio a todo este caos, o seu início no curso de Mestrado em Literatura. Quando inicia o curso, conhece Beatriz, uma moça muito bonita, espontânea, que não admite as convenções e preza pela sua liberdade. Segundo a narradora, “chamava-se especialmente a atenção, mais pelo porte do que pelo nome ilustre ascendência literária: alta, cabelos encaracolados e ruivos que ultrapassavam os ombros, cílios que alvos a marcar os olhos castanhos.” (p. 43). Em um primeiro momento, a narradora-personagem fica extremamente encantada com a personalidade forte de Beatriz, logo se tornam amigas, e depois passam a dividir o apartamento. Na narrativa, é perceptível o carinho crescente e a preocupação da narradora com a personagem Beatriz, e de como a convivência das duas transformou toda a admiração em um sentimento mais profundo e secreto, a paixão: “Percebia que, de certa maneira, eu tinha aprendido mal o amor, sempre um sentimento acessório, postiço, que deixava, em um pouco tempo, de ser amor.” (p. 47).

Neste excerto, Cíntia Moscovich trata da descoberta da sexualidade e do sentimento da paixão, que antes não estavam presentes na vida da personagem central do conto. Com o decorrer da narrativa, podemos perceber a evolução do sentimento da narradora-personagem em relação à sua colega Beatriz e de como ela lida com essa nova sensação, ao mesmo tempo em que a narradora também tenta lidar com a pressão da mãe para ela retornar a sua casa. No trecho abaixo, é evidente que o sentimento do amor é caracterizado como algo totalmente inesperado e desconhecido para a narradora-personagem, e de como lhe causava confusão dentro de si: “Quando a porta se fechou e a figura luminosa de Beatriz desapareceu, o amor

era finalmente uma abundância – nele eu passava a colocar tudo o mais que não sabia onde meter.” (p. 52).

O segundo conto é “Preciosidade”, de Clarice Lispector, presente no livro *Laços de Família* (1960). O conto busca apresentar a história de uma menina, em torno dos seus 15 anos, que não tinha interesse na sua vaidade e nem no que os outros pensavam de sua pessoa. É apresentado em terceira pessoa por um narrador-observador, o cotidiano da personagem principal com seus toques e ações diárias, o seu caminho de casa para a escola num esquema metódico e pragmático. Num certo dia, enquanto a personagem fazia seu caminho diário, um acontecimento foge do seu controle e a garota não sabe como reagir. Como não possui interesse em relação a sua vaidade e nem na interação com as pessoas, a menina não tem conhecimento dos pensamentos que os seres do sexo oposto têm em relação a ela e essa questão é totalmente irrelevante para a garota. O acontecimento descreve a garota se dirigindo ao ponto de ônibus no horário que sempre fazia esse percurso, o narrador enfatiza que, pelo horário que a menina ia até a parada de ônibus, era muito cedo e por isso a rua estava sempre deserta, mas nesse dia a surpresa lhe tomou quando avistou dois rapazes que estavam ao fim da rua em direção oposta a sua. Como a rua estava silenciosa era possível ouvir o som dos seus tamancos pesados ao andar pela calçada. Os rapazes focaram sua atenção na garota sozinha em uma rua deserta, ela ficou nervosa e começou a refazer o percurso até sua casa, mas quando viu que chamou a atenção dos rapazes, resolveu continuar seu caminho em direção à parada do ônibus sem olhar para eles. Ao passar pelos rapazes, a garota sentiu “quatro mãos que não sabiam o que queriam, quatro mãos erradas de quem não tinha vocação” (1960, p.61) e absorveu todo o impacto do toque, que ocorrera em menos de uma fração de segundo e, assim, sentiu-se como se fosse outra pessoa. Tal impacto lhe causa um desnortear de seus ideais e da necessidade da sua aparência, assim como a ruptura do seu mais espesso muro contra o mundo, como no trecho abaixo:

[...] Quando foi molhar os cabelos diante do espelho, ela era tão feia.
Ela possuía tão pouco, e eles haviam tocado.
Ela era tão feia e preciosa.
Estava pálida, os traços afinados. As mãos, umedecendo os cabelos, sujas de tinta ainda do dia anterior. "Preciso cuidar mais de mim", pensou. Não sabia como. A verdade é que cada vez sabia menos como. A expressão do nariz era a de um focinho apontando na cerca.[...]. (p. 63).

É neste momento da narrativa que percebemos uma marca da escrita de Lispector, a epifania. Para a personagem, havia uma súplica implícita em seu modo de se expressar em relação ao sexo oposto, pedia que a respeitassem, ou mais que isso, a obrigação de ser

venerada, como se tivesse feito um voto sobre isso. Percebemos também, as angústias demonstradas pela garota de 15 anos referentes a como se apresentava na escola e como agia na sua própria casa. Lispector nos apresenta uma jovem, no alto da sua adolescência, que sentia a necessidade de se “armar” contra todos, pois se identificava como um ser vulnerável com um destino que não poderia fugir, o de relacionar-se com os seres do sexo oposto. O medo do “olhar” dos homens era um dos grandes conflitos expostos no conto. Para a personagem, esse “olhar” era quase como se fosse um toque, algo que pudesse romper com toda a sua rigidez, vigor e sua impessoalidade.

Por último, nosso terceiro conto é “A apresentação”, de Virginia Woolf. O conto se passa em uma festa da famosa Mrs. Dalloway, personagem marcante na literatura de Woolf. Aqui somos apresentados à jovem debutante Lily Everit, uma jovem da alta sociedade londrina que se encontra na sua primeira festa da temporada social. Como estava nervosa e sem saber o que fazer, concentrava-se na sua aula que havia tido naquela manhã, em que escreveu seu ensaio acerca do caráter de Swift e de todo o panorama que havia pensado para formular aquele ensaio. À medida que Mrs. Dalloway se aproximava dela, sentia o frisson do que lhe aguardava: a vida que não estava preparada para seguir, mas como membro daquela sociedade não teria escolha de recusar “a abadia de Westminster, a sensação de que eram enormemente altos e solenes os prédios em derredor; e a de ser mulher” (p. 265), como podemos evidenciar no trecho abaixo:

Ao andar com Mrs. Dalloway, atravessando a sala, ela aceitou o papel que lhe era imposto agora e, naturalmente, excedeu-se um pouco nele, como um soldado, orgulhoso das tradições de um uniforme antigo e famoso [...]. (p. 265).

Lily, ao caminhar em direção ao seu futuro pretendente, questionava quem era ela e tudo o que lhe cercou a vida inteira, seus pais, os campos onde cresceu, seus irmãos e, que agora, depois de desabrochar como uma flor, estava questionando também, ao mundo dessa flor. É neste momento que Woolf nos apresenta a um questionamento interessante e incomodo à época: o lugar da mulher na sociedade. A personagem se questiona o que poderia oferecer para opor as grandes realizações masculinas, ainda mais quando apresenta as características do seu pretendente, o jovem Bob Brinsley: “[...] O que tinha para opor a essas grandes realizações masculinas? Um ensaio sobre o caráter do deão Swift!” (p. 266).

O conto finaliza com as reflexões da jovem Lily em relação ao seu futuro e o que lhe aguardava, apresentando seus pensamentos enquanto conversa com o seu pretendente. A sobrecarga que tinha aquela simples conversa lhe trazia o peso da decisão que tinha que tomar

ao aceitar o papel que lhe era imposto naquela sociedade. O nos chama a atenção nesta parte final do conto é de como um acontecimento ocorrido na hora da conversa serve como uma metáfora para o questionamento de Lily Everit. Ao Bob Brisnley arrancar as asas de uma mosca, nossa personagem interpreta aquela ação como se o papel que lhe era imposto dentro da sociedade britânica de “igrejas, parlamentos, blocos de apartamentos” (p.268) lhe “arrancassem as asas” e a impedissem de grandes passos ou outros caminhos a percorrer.

Um ponto em comum que podemos abordar entre nosso *corpus* é a questão da Epifania. É recorrente encontrarmos nos textos de Clarice Lispector esse fenômeno, que pode ser traduzido como momentos de revelação, em que determinado personagem se defronta com a verdade ou uma descoberta sobre si. Mas, ao lermos os contos que selecionamos de Moscovich e Woolf, também podemos perceber a presença deste fenômeno, que é colocado como ápice das histórias. Mas, o que seria esse momento de clímax nessas narrativas? O que denominamos como epifania? Este acontecimento se caracteriza, segundo Maiara Segato e Wilma Coqueiro (2012), como o que “denuncia a problemática existencial das personagens, e portanto conduzem à revelação dos aspectos sociais” (p. 107). Alguns críticos literários acreditam que essa questão do descortinamento interior da personagem, inserido dentro da narrativa clariceana, advém da influência da escrita de Virginia Woolf. Então, assim, podemos colocar que a presença desse momento de revelação chegou até Moscovich por meio das influências literárias da escritora: a própria Clarice Lispector e Virginia Woolf, vinda como um ciclo de ferramentas literárias.

A epifania clariceana decorre da reflexão do encontro entre o Eu e o Outro, ou entre o Eu e o Mundo. Esse momento ocorre num instante crucial das narrativas, em que as personagens são surpreendidas por uma súbita revelação existencial, mas o tal momento não precisa ser chocante, basta que seja revelador e determinante na vida da personagem. Dentro do nosso *corpus*, temos três momentos de epifania, na qual o ser da narrativa descortina a sua realidade íntima e atinge um momento de lucidez plena dentro da história.

Em Moscovich, o fenômeno se manifesta quando a narradora-personagem desperta para o amor, um sentimento que não fazia parte do seu ser, e ainda acentuada à descoberta da sua sexualidade, de acordo com o excerto a seguir: “É assim, próxima como estava, senti que o impossível se armava, um sentimento implícito, tão irrecusável como o amor de filha” (p. 51). Neste clímax da narrativa, a personagem encontra-se perdida sobre o que fazer com essa nova parte da sua vida e acaba recuando. Podemos relacionar o fenômeno da epifania presente neste trecho de Moscovich com um excerto presente no livro *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf:

Todos os relacionamentos entre mulheres, pensei, repassando rapidamente a esplêndida galeria de mulheres ficcionais, são muito simples. Muita coisa foi deixada de fora, sem ser abordada. E tentei me lembrar de algum caso, no decorrer das minhas leituras, em que duas mulheres tivessem sido representadas como amigas. (WOOLF, 2014, p. 119).

Dito isso, podemos perceber uma das grandes transformações que são observadas quando falamos de livros de autoria feminina, a mudança do olhar dado à relação entre mulheres migra de moldes forjados a partir de relações de rivalidade, comum em narrativas sobre mulheres feitas por autores homens, para vínculos firmados a partir de empatia e companheirismo. No conto de Moscovich percebemos essa humanização das relações femininas, há muito ignoradas ou concebidas de forma superficial.

A partir disso, é possível relacionar os arquétipos já firmados da representação da mulher a um movimento de transição que está intimamente ligado ao gênero da figura do autor. Antes, durante muito tempo, a mulher construída a partir da idealização masculina, tinha como norte de sua formação o ato de servir aos homens como mãe, esposa ou filha. Agora, com uma mudança na voz do autor, que passa a ser entoada pelas próprias mulheres, percebemos como a perspectiva sofre uma transformação.

Todos os sentimentos que estavam acuados desde o falecimento do seu pai, se juntam e entram em confronto com o choque do despertar do amor: “O amor, que sempre racionei como a porcaria de um doce raro, que nunca dividi com ser nenhum – somente com o meu pai, depois da sua morte” (p. 52). Essa explosão de sentimentos se intensifica com a confusão interna da personagem em relação ao fato de pessoa amada ser Beatriz, isso lhe causa tristeza, pois sabe que aquele amor secreto não poderá se concretizar:

Por isso, naquela noite em que Beatriz me veio noticiar que se mudava – ia dividir a casa com quem lhe humilhara não fazia muito -, a pontada de desgraça que senti, a lástima pesada à qual me abandonei, tampouco esse desespero pude partilhar. Finalmente acontecia a grande tragédia. (p. 52).

Deste modo, a narradora-personagem abre mão de seu mestrado e liberdade, voltando para a casa de sua mãe e de volta aos lamentos da sua antiga vida:

A ausência, mais uma vez, era lugar só de destroços. Quando voltei ao edifício, quando percorri o caminho do corredor ladrilhado, quando meus passos percutiram naquele imenso aquário a seco, quando abri a porta do trezentos e quatro – quando vi tudo o que era querido transformado em ruína, minha decisão estava tomada. (p. 53).

Já em *Lispector*, vemos uma personagem muito jovem que não se interessava por sua aparência e nem opinião alheia: “De manhã cedo era sempre a mesma coisa renovada: acordar. O que era vagaroso, desdobrado, vasto. Vastamente ela abria os olhos. Tinha 15 anos

e não era bonita. Mas por dentro da magreza, a vastidão quase majestosa em que se movia como dentro de uma meditação.” (p. 55). A moça que vivia em uma rotina fechada e pragmática, se sente “rompida” após esbarrar com dois garotos em sua caminhada diária a parada de ônibus. Esse “toque” causa um rompimento emocional na personagem, lhe causando uma paralisia por segundos para poder compreender o que havia ocorrido:

E trazidos de volta pela brisa, o silêncio e uma rua vazia.
Até esse instante mantivera-se quieta, de pé no meio da calçada. Então, como se houvesse várias etapas da mesma imobilidade, ficou parada. Daí a pouco suspirou. E em nova etapa, manteve-se parada.
Depois mexeu a cabeça, e então ficou mais profundamente parada. (p. 61).

Esse acontecimento também lhe causa uma situação em que se depara com a atenção do sexo oposto e das consequências que isso lhe causou, o que lhe faz refletir sobre seu ser e se todas as barreiras que ela havia construído durante anos eram realmente necessárias, já que não impediram o “toque” alheio. Após o acontecimento, a jovem começa a se questionar sobre sua aparência, que mesmo tendo “tão pouco” chamou a atenção dos rapazes que, ao fim, conseguiram lhe tocar, de acordo com o trecho a seguir:

Quando foi molhar os cabelos diante do espelho, ela era tão feia.
Ela possuía tão pouco, e eles haviam tocado.
Ela era tão feia e preciosa. (p. 63).

Conforme nos descreve Simone de Beauvoir (1970), quando trata de aspectos históricos da formação da condição feminina, “o mundo sempre pertenceu aos machos” (p. 95). A partir disso a autora busca elencar uma série acontecimentos de cunho histórico e também biológico que serviram de base para a estagnação contínua das atividades das mulheres, que gradualmente foram relegadas ao “conchego” do lar. Partindo do princípio de que as mulheres nas sociedades primitivas muitas vezes realizavam tarefas equivalentes às que dos homens, a autora se questiona o que levou a figura da fêmea a ser dominada pela do macho. Retornando aos povos nômades, Beauvoir descreve como não existia preocupação com a natalidade das crianças e como o ato de gerar filhos era visto como enfadonho, uma vez que a força de produção das mulheres e sua disposição física era minimizada por aspectos biológicos ligados ao seu ciclo reprodutivo (menstruação, gravidez, parto, etc.). Sendo assim, os homens passaram a ocupar-se da caça e da provisão de novas tecnologias facilitadoras da vida, enquanto as mulheres tornaram-se a figura do lar, mesmo que em moldes ainda embrionários em função da família, configurada como a conhecemos, ainda não existir de

fato. Conforme podemos ler a seguir, a mulher sujeita-se aos encargos de sua condição física, efetivando a relação de domínio e submissão que se forma entre elas e os homens. Leiamos:

Contudo, engendrar, aleitar não são atividades, são funções naturais; nenhum projeto nelas se empenha. Eis por que nelas a mulher não encontra motivo para uma afirmação ativa de sua existência: ela suporta passivamente seu destino biológico. Os trabalhos domésticos a que está votada, porque só eles são conciliáveis com os encargos da maternidade, encerram-na na repetição e na imanência; reproduzem-se dia após dia sob uma forma idêntica que se perpetua quase sem modificação através dos séculos: não produzem nada de novo. (BEAUVOIR, p. 83) [...] Não é dando a vida, é arriscando-a que o homem se ergue acima do animal; eis por que, na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra e sim ao que mata. (*ibem*, p.84).

E em Woolf, encontramos-nos com a moça chamada Lily Everit que carrega a tarefa de casar-se com um homem de posses e bem colocado na sociedade britânica. Até o momento de se ver no seu primeiro baile social, Lily não tinha notado a dimensão do peso de ser um membro da sociedade britânica e como chegara a hora de encontrar um marido:

Depois, quando ela entrou na casa, assim que viu tanta gente, uns a subir, outros descendo escadas, aquele duro fragmento (seu trabalho sobre o caráter de Swift) começou a perder consciência, a derreter, não havia mais como segurá-lo e toda a sua pessoa (não mais cortante como um diamante partindo o coração da vida em pedaços) transformou-se numa névoa de alarme, apreensão e defensiva, quando acuada ela ficou em seu canto. Este então era o mundo, o famoso lugar: a sociedade. (WOOLF, p. 264).

Enquanto ia ao encontro de um pretendente na festa de Mrs. Dalloway, a personagem começa a se questionar se apenas existia esse caminho para ser seguido e que estava prestes “a ser lançada num redemoinho onde ela iria perecer ou salvar-se.” (p. 265). Ao aceitar o papel que lhe era imposto, a vida de Lily muda e o que conhecia de si mesma é deixado para trás: “[...] tudo isso, até essa noite, era o comum em sua vida, por isso ela se conhecia, por isso gostava de si mesma e conquistava a afeição dos seus [...]” (p. 266). Ela saberia que teria que deixar todas as suas convicções e adentrar no mundo que se desabrochava para ela naquele momento: “Ao abrir-se a flor também se abria, irresistivelmente, o mundo da flor, tão diferente, tão estranho; as torres de Westminster; os prédios altos e formais; conversas; esta civilização [...]” (p. 266).

Os questionamentos que as personagens trazem em seus enredos, nos apresentam modificações, às vezes permanentes, em suas identidades e na sua construção como mulher. Ao vermos que através da Epifania, as personagens são influenciadas pelo seu mundo externo e/ou a presença de alguém que causa uma interferência na vida dessas mulheres. Como dito por Foucault (1960), a subjetivação do sujeito advém dos processos que ocorrem no mundo

externo onde o indivíduo está inserido sendo, assim, um agente influenciador na formação do seu ser, pois a sociedade impõe ao ser uma identidade.

A partir desta vertente, percebemos, primeiro em Lily Everit, essa imposição de uma identidade feminina já implícita na sociedade. O peso colocado sobre a mulher para um arranjo matrimonial bem favorecido, tanto para a família quanto para o lado político, é questionado pela personagem, pois ela não se vê como sujeito com essa identidade. Ela não queria abrir mão de sua independência, adquirida através da sua escrita, para se submeter às regras ditadas dentro dessa sociedade, em que como é descrito no texto, a mulher submissa:

Quando afinal chegou ao grupo, que era dominado por Bob Brinsley (de calcanhar no guarda-fogo da lareira, cabeça jogada para trás), com sua testa grande e honesta, sua autoconfiança e finura, sua honra e pujante bem-estar físico, seu bronzeado, seu desembaraço, sua direta descendência de Shakespeare, o que podia ela fazer senão pegar seu ensaio e oh! toda sua própria pessoa e estendê-los no chão como um casaco para ele pisar em cima, como uma rosa na qual ele atirar? (WOOLF, pp. 266-267).

Em Lispector, o mundo externo influencia na construção da identidade da personagem por meio da ideia já implantada na criação da mulher: a necessidade da vaidade. Podemos colocar essa busca pela vaidade como uma imposição do padrão feminino da época em que se passa a narrativa. Além da vaidade, temos a questão da presença do outro e do medo que isto causava na personagem, como se fosse um destino que ela não poderia escapar:

Mas como voltar e fugir, se nascera para a dificuldade. Se toda a sua lenta preparação tinha o destino ignorado a que ela, por culto, tinha que aderir. Como recuar, e depois nunca mais esquecer a vergonha de ter esperado em miséria atrás de uma porta? (WOOLF, p.59).

Também podemos pontuar que é revelada na narrativa a presença de um sentimento de desprezo por si por parte da personagem após o acontecimento com os rapazes, a menina ainda impactada com o toque dos rapazes desabafa para si mesma sobre o que sentia naquele momento:

Foi para o lavatório. Onde, diante do grande silêncio dos ladrilhos, gritou aguda, supersônica: Estou sozinha no mundo! Nunca ninguém vai me ajudar, nunca ninguém vai me amar! Estou sozinha no mundo! (WOOLF, p.62).

O padrão da figura da mulher, a necessidade do parceiro, o casamento ideal e a construção da família, agentes pertencentes ao futuro que a personagem teria que aderir, cercavam os dilemas pessoais da personagem de 15 anos que se encontrava na transição e tendo que lidar com as mudanças internas.

E, em Moscovich, a narradora-personagem é tomada pelo medo de se abrir para os sentimentos, ou mesmo para a vida, após a perda do pai. No começo da narrativa, a personagem explica que na época em que o pai faleceu, já possuía “a irrequieta sensação da inconsciência” (p. 38) com as coisas escapando do seu domínio sem que percebesse, e a morte do pai acabou rompendo com a instabilidade dos seus apegos. Ao mudar de casa e começar uma “nova” vida fora daquele ambiente melancólico que a sua casa havia se transformado, a narradora toma um choque quando conhece a sua colega de mestrado, a jovem Beatriz.

A jovialidade de Beatriz e sua intensidade modificam a individualidade da narradora-personagem que se encanta pela personalidade forte da moça, assim como também entende o quanto ela e Beatriz eram diferentes: “Eu, tão diferente de Beatriz. E não somente pela aparência: havia nela e naquela pele algum cristal íntimo que não era feito para durar na memória dos espelhos. Quantas vezes na vida uma pessoa se espanta de se constatar tão diferente da outra?” (pp. 45 e 46). Ao longo da narrativa, a personagem se modifica por dentro e muda suas ideias em relação aos sentimentos: “Percebia que, de certa maneira, eu tinha aprendido mal o amor, sempre um sentimento acessório, postiço, que deixava, em pouco tempo, de ser amor. Aos vinte e oito anos, eu ansiava pela grande tragédia sentimental que ia me tocar no mundo.” (p. 47). No final da narrativa, o sentimento do amor e a tragédia da perda são presentes, agora, na vida da narradora-personagem, como mostra o enxerto a seguir:

Quando a porta se fechou e a figura luminosa de Beatriz desapareceu, o amor era finalmente uma abundância – nele eu passava a colocar tudo o mais que não sabia onde meter. [...] o pior não era o passado, era o presente, aquele presente obrigatório, que não passava e não passava, mesmo que os segundos depois dos segundos fossem arrojados num limbo pretérito. (MOSCOVICH, p. 52)

As discussões acerca da mulher como sujeito do feminismo são múltiplas, assim como as identidades femininas em si. Richard Miskolci (2017) compõe um texto introdutório ao que hoje em dia é chamado de Teoria Queer. Nele, o autor chama a atenção para os traços liberacionistas do movimento feminista ainda nas décadas de 1970 e 1980. Segundo o sociólogo, o ativismo desses anos configurou-se como algo homogêneo que enveredou por um discurso que não dava conta da representação de todas as identidades femininas possíveis na sociedade. A partir dessa perspectiva, o conceito de gênero surge como fator equacional desse debate. Para Judith Butler (1990), essa nova abordagem provoca a dissociação entre a ideia de gênero que se tinha e sua subordinação ao sexo biológico. Ainda segundo a teórica, o gênero é um conceito fluido que não pode ser concebido de forma isolada, sempre necessitando que seja associado a “modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais

de identidades discursivamente construídas. Podemos ver aqui o pensamento da autora – baseado na crítica genealógica proposta por Foucault – sobre como as identidades podem ser tidas como produtos de instituições, práticas e discursos. Sendo assim, podemos observar como nossas protagonistas se configuram a partir de aspectos plurais de “ser mulher”, ilustrando esse fenômeno discutido pelos teóricos. As três narradoras encontram-se num processo de descoberta sobre estar no mundo e estar em si mesma. Por essa razão, fica evidente a relevância do papel das autoras no que tange à representação feminina, pois ao compartilhar a condição da mulher com suas personagens, garante-lhes assim, legitimidade.

Conforme podemos ler no livro de Regina Dalcastagnè, *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado* (2012), a produção literária no Brasil, durante muito tempo, se configurou como uma voz que surgia da classe média falando da própria classe média. Ao percebermos isso, fica evidente a rede de silenciamentos que se constrói no que tange a representação de sujeitos que fogem à regra dominante e homogênea. Mesmo que muitas tentativas de representação já tenham sido realizadas, a esses textos sempre faltará um ponto que o configure como legítimo. O que fala no lugar do outro sempre falhará ao intentar falar do que não viveu. É o que afirma Regina Dalcastagnè, conforme lemos a seguir.

Assim, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, negros e brancos, portadores ou não de deficiências, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras. Mesmo que outros possam ser sensíveis e solidários a seus problemas, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 20)

Dito isso, trataremos a seguir da autoria feminina e de seu valor na produção literária das autoras das quais tratamos.

4. AUTORIA FEMININA: MULHERES DIZENDO MULHERES

O fato de termos dois tipos de narradores nos contos que selecionamos pode nos mostrar o quão distantes ou não estão nossas autoras em relação às histórias apresentadas. O uso de uma narradora-personagem no conto de Cíntia, por exemplo, nos mostra uma das ferramentas na construção narrativa: a escrita memorialística. Moscovich faz uso dos recursos de memória em sua literatura, trazendo vivências da sua vida ou de outros para dentro do mundo literário. Já em Lispector e Woolf, temos a presença do narrador-observador, que não se mostra presente ou parte da narrativa, com um olhar onipresente e conhecedor dentro dos contos. Mas, mesmo sendo utilizado um narrador fora da história, é perceptível na narrativa o

cuidado de descrever as personagens, assim como a descrição das angústias que as cercavam. As autoras apresentam retratos dos questionamentos existenciais vivenciados pelas mulheres, que se relacionam a sua identidade como mulher.

Dessa forma, os pesos implicados pelos outros ou pela sociedade que viviam são descritos de formas particulares e dialogam com as questões das próprias autoras. Tomamos como exemplo a escritora Woolf, os ideais presentes nas lutas sufragistas do início do movimento feministas, que buscava o direito à educação e liberdades na sociedade, são postos no pensamento da personagem do seu conto, a jovem Lily Everit que questionava o seu lugar no seu meio social, assim como a necessidade que a sociedade impõe para as moças casarem e priorizarem sua vida doméstica, pois a jovem teria que abrir mão de seus gostos para dedicar ao marido e a família. Assim, o que se observa na narrativa de Woolf é a predominância da multiplicidade da subjetividade feminina, caminhando para uma conscientização feminista, o que acontece com Lily Everit, ao indagar-se sobre o seu lugar no mundo, como mulher.

Já Clarice Lispector expõe em seu conto o peso de ser ou se tornar mulher e de como o pensamento externo tem uma força na identidade da mulher. As angústias que a jovem personagem apresenta na narrativa nos mostra como era imposto um papel para a mulher e a necessidade de seguir tal dever. Mesmo jovem, já sentia o peso que carregava por ser mulher, apresentando uma vontade de não seguir o caminho predestinado e estabelecido. Tal reflexão parece carregar uma força maior sendo descrita pela autoria feminina. O próprio livro de contos *Laços de família* (1960), com seu título contundente e voltado a um mundo feminino que parece ruir, torna visível a repressão sofrida pelas mulheres nas cotidianas práticas sociais. Dessa maneira, a busca por um processo de conscientização que é desencadeado pelo feminino da época já descrito neste trabalho faz com que a narrativa de autoria feminina incorpore questões como a da menina presente no conto “Preciosidade” que apontam para as discussões sinalizado por Simone de Beauvoir (1949).

Em Moscovich, a autora traz a voz da própria personagem para apresentar sua história e mostrar o impacto de um sentimento que causou transformações na vida da personagem. Como já dito anteriormente, a contemporaneidade coloca em voga os questionamentos relacionados à descoberta da sexualidade, as diferenças sociais e raciais, a independência feminina e financeira. O conto de Cíntia Moscovich aborda, de forma clara e sutil, esses debates que cercam as sociedades modernas e os questionamentos que tais debates causam dentro dos meios sociais. A autoria feminina de Cíntia Moscovich pressupõe a discussão de gênero a partir do olhar da homoafetividade, em debate com um mundo normativo que produz interdições ao gênero e com a possibilidade do conceito de gênero ser dinâmico. Nesse

sentido, a literatura busca produzir quebras, desconstruir as performances sociais esperadas e abrir as portas para novas discussões sociais.

Podemos perceber que as três personagens têm consciência de suas épocas e das suas lutas perante a sociedade que as cerca. A necessidade de ter alguém, na narrativa de Woolf, o medo de ter esse alguém, no conto de Moscovich e a ausência desse alguém, apresentado em Lispector recorrem a imposições sociais presentes em cada época das personagens. As autoras trazem para dentro do mundo literário angústias femininas e acontecimentos que estão inseridos na realidade da mulher. Realidades que são suas, carregadas por contextos histórico-sociais diferentes que acompanham as transições de pensamento e comportamento social.

É importante observarmos também que, em Woolf e Lispector, os narradores enfatizam, por meio da fala das personagens, a obrigação de um futuro já imposto que não poderiam recusar, algo a que já estavam predestinadas a seguir. As duas personagens aceitam esse futuro e deixam suas particularidades pessoais para trás, adaptando-se a este novo momento. Já em Moscovich é diferente, nós temos uma mulher dona de suas próprias decisões e que não se vê obrigada a seguir um caminho que já lhe era destinado. Temos então o espelho da mulher contemporânea que tem sua independência e liberdade de escolha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entendermos sobre como a figura da mulher é apresentada na literatura e como a sua construção de identidade se faz, procuramos buscar três autoras que se destacam em narrativas com protagonistas femininas e que possuem influência dentro dos estudos da crítica feminista. Assim, escolhemos três autoras de épocas distintas: Cíntia Moscovich, Clarice Lispector e Virginia Woolf. Estabelecemos como foco central do nosso artigo a escritora Cíntia Moscovich, uma autora da literatura contemporânea que possui engajamentos feministas, mas ela se firma como base por ser o resultado das lutas em favor do reconhecimento feminino e de direitos à mulher e, a partir dela, buscamos as duas outras autoras com as quais percebemos conexão.

Após as análises, observamos que as três autoras estudadas transmitiram, através da narrativa, as questões e angústias relacionadas aos problemas que percebiam no meio em que viviam, assim como a construção da identidade feminina no mundo literário. Ao apresentar personagens femininas profundas e com dilemas existenciais, as autoras conseguem fazer uma ruptura com a identidade da mulher já presente na literatura ao longo da sua história e essa quebra pode trazer ao leitor ou a leitora uma aproximação com a identidade do seu ser. Como repassado no início deste artigo, a mulher dentro da literatura era apresentada por meio de estereótipos ou personagens rasas, sem um destaque psicológico maior dentro das narrativas ou quando possuíam destaque, eram somente descritas por meio de dois vieses: a angelical ou a sedutora. Após as lutas feministas, a identidade da mulher começou a ter destaque e sobressair no meio social, assim como também se firmando dentro do mundo literário, trazendo a mulher como centro de estudos acadêmicos e sociológicos.

Começamos com o conto de Cíntia Moscovich, em que a narradora-personagem aborda a descoberta da sua sexualidade e do sentimento da paixão em determinado momento da sua vida. Moscovich apresenta dilemas atuais do mundo contemporâneo e questionamentos pessoais da mulher contrapondo a sua vivência. Em Lispector, é narrada a história da personagem de 15 anos que é apresentada aos seus medos e que precisa lidar com a forma de como esses medos influenciam em sua vida. Por último, em Woolf somos apresentados à história de Lily Everit, que está lidando com o peso de um futuro que já nascera predestinada a seguir e se questiona do por que daquele caminho ser o único a ser seguido.

Podemos perceber que, por meio do ato de narrar, pela presença da epifania e representação feminina, é notável a ocorrência de uma ruptura ou uma mudança drástica na identidade das personagens analisadas, as pondo em questionamentos pessoais e modificando

o seu ser. Assim, é enfatizado como os acontecimentos externos podem influenciar e até transformar a identidade de um sujeito, como ocorre com as personagens. As três autoras analisadas transportam para o mundo literário os questionamentos e vivências femininas, cada uma à sua época, bem como mostram o desenvolvimento destas angústias no fluxo de consciência das personagens centrais dos contos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREATTA, Elaine Pereira. **Memória, Influência e Superação na prosa de Cíntia Moscovich**. Manaus: Editora da UEA, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet – 3º ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminino e subversão da identidade**. 11º Ed. Tradução de Renato Aguiar – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAVALCANTI, Rosália Andrade; FRANCISCO, Ana Lúcia. **Virginia Woolf e as mulheres**. GÊNERO, Niterói, v.17, n.1, p. 27- 49, 2.sem. 2016.

CUCHE, Deny. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru, EDUSC. 1999.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo, Editora Horizonte; Rio de Janeiro. Editora UERJ. 2012.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e o desejável conhecimento do sujeito**. IN: Educação & Realidade. v. 24, n 1, jan/jun. P. 35-59. 1999

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I**. História da Sexualidade i: A vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1988.

LISPECTOR. Clarice. **Laços de Família**. Francisco Alves Editora. 1960.

MATOS, Marlise. **Movimento e Teoria Feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global?** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, jun. 2010

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autentica Editora: Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.

MOSCOVICH, Cíntia. **A arquitetura do arco-íris**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

OLIVEIRA, Laís P. R.; CASSAB, Latif A. **O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas**. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas. ISSN 2177-8248. Universidade Estadual de Londrina. 2014.

POZENATO, José Clemente. **Clarice Lispector: o olhar da mulher**. PUC-RS. Revista Antares, nº 3 – Jan/jun 2010.

SEGATO, Maiara Cristina; COQUEIRO, Wilma dos Santos. **Epifania: o clímax da narrativa nos contos de Clarice Lispector**. Revista NUPEM, Campo Mourão, v.4, n.7. Agosto/Dezembro. 2012. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/viewFile/258/186>

SCOOT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** IN: Educação & Realidade, v. 15, n 2, jul/dez. p. 71-99. 1990.

WOOLF, Virginia. **V. Woolf: contos completos.** Tradução: Leonardo Fróes. Org. Leonardo Fróes. Cosac & Naify; Edição: 1ª. 2005

_____. **O valor do riso e outros ensaios:** Virginia Woolf. Tradução e organização: Leonardo Fróes. 1ª ed, São Paulo: Cosac Naify, 2014. ISBN: 978-85-405-0606-0.

_____. **Um teto todo seu.** Trad. Bia Nunes de Souza, Glauco Mattoso – 1. Ed. – São Paulo; Tordesilhas, 2014.